



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELEM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 71

19, DEZEMBRO, 1978

NOTÍCIA SOBRE OS ÍNDIOS ARAWETÉ, RIO XINGU, PARÁ

Exedito Arnaud

Museu Goeldi

RESUMO: Os índios Araweté (Tupi) começaram a ser identificados a partir de 1970, na região situada à margem direita do baixo Xingu (4-5º de Lat. Sul; 52-53º de Long. Oeste), conhecida como a "terra dos Asurinís". Presentemente, somam 122 indivíduos agrupados em uma única aldeia, situada à margem do Igarapé Ipixuna, sob a assistência permanente da FUNAI. Este trabalho, na primeira parte, apresenta aspectos gerais do ambiente regional (Município José Porfírio), indicações sobre a provável origem dos Araweté, e referências a respeito de sua língua, cultura, organização social e ideologia, incluindo aspectos de caráter comparativo. Na segunda parte focaliza seus contatos inter e extra-tribais e a ação exercida sobre eles pela FUNAI.

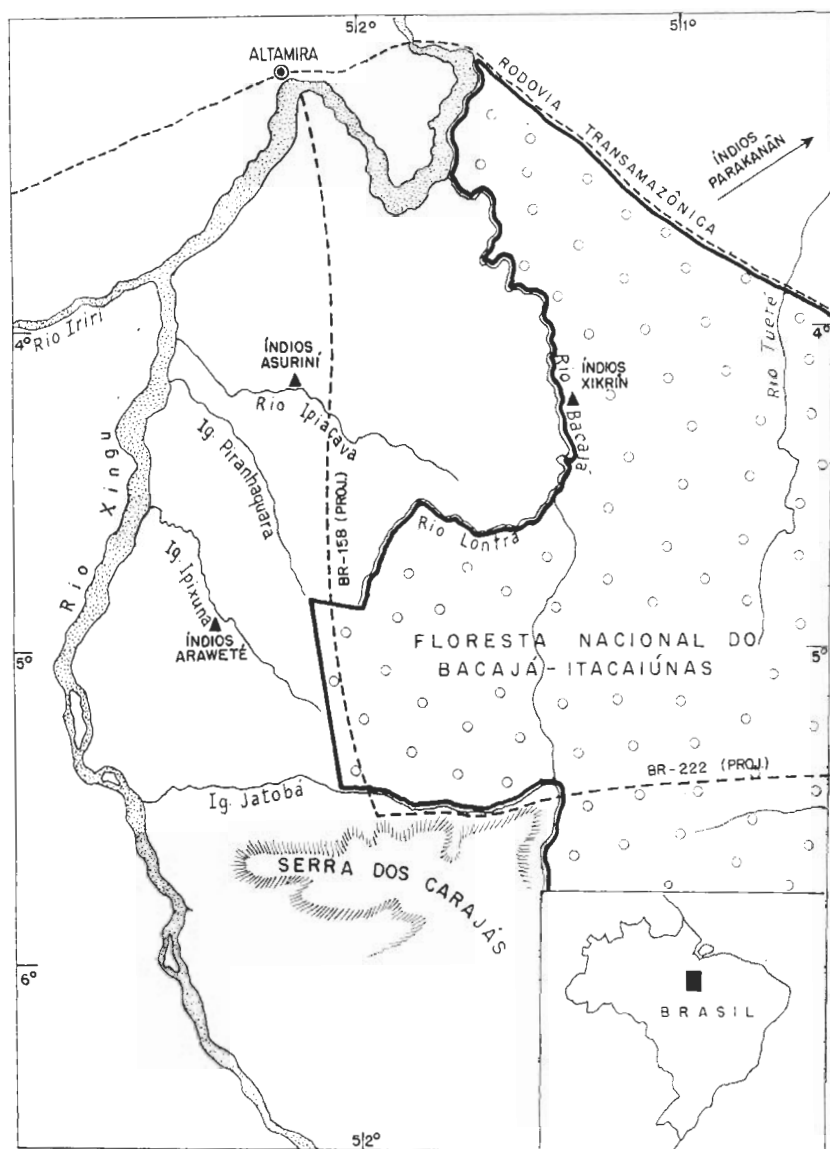
Através de um artigo relacionado à "ação indigenista no sul do Pará, 1940-1970" (Arnaud, 1971), registramos, entre outras, ligeiras referências sobre o grupo tribal denominado Asuriní. Tais referências foram dadas com base em informações existentes a respeito de contatos realizados em junho-julho e outubro de 1970, pelo artista australiano David Willes (Solly, 1971) e pelo sertanista da FUNAI Antônio Cotrim (Rondon, 1970), respectivamente, com índios presumidamente, dessa origem, à margem do igarapé Ipixuna, afluente do baixo Xingu pela margem direita. Acontece que, em maio de 1971, os padres etnólogos Anton e Karl Lukesch, da Prelazia do Xingu, orientados em parte por aquelas informações, após vários reconhecimentos aéreos, estabeleceram por sua vez contato com outro grupo indígena, localizado no rio Ipiçava (paralelo ao Ipixuna), que caracterizaram também, como sendo Asuriní, de igual modo

como o fez logo no mês seguinte o sertanista Cotrim, que reconheceu serem os índios do Ipiaçava diferentes dos do Ipixuna (Soares, 1971). No Ipixuna uma turma da FUNAI prosseguiu realizando contatos amistosos com o grupo aí localizado, mas sua ação era dificultada por "falta de entendimento verbal" (Alves, 1973). Já em 1976, quando o sertanista João Evangelista de Carvalho (conhecedor de vários dialetos Tupí) passou a atuar na área é que os trabalhos começaram a alcançar resultados positivos, inclusive quanto a própria identificação do grupo tribal.

Face as indicações acima e de outras fontes bibliográficas e documentais, complementadas por meio de diversas entrevistas com pessoas que atuaram na área (principalmente o sertanista Carvalho), ao mesmo tempo que estamos retificando nossa informação anterior (Arnaud, 1971: 19-20) registramos que, no trecho situado à margem direita do Baixo Xingu, denominado pela população regional como "a terra dos Asurinís" (Lukesch, 1976: 11), a ser mais adiante melhor definido, habitam presentemente dois grupos tribais de fala Tupí porém distintos: o grupo Asuriní propriamente dito (Asuriní do Xingu), situado no rio Ipiaçava e o grupo Araweté, no igarapé Ipixuna. Nesta comunicação, como o título bem indica, nos ocupamos especialmente dos Araweté, considerando uma provável inexistência de informação etnográfica a respeito dos mesmos.

* * *

O atual Município Senador José Porfírio, situado à margem direita do baixo Xingu (3-6° de Lat. Sul; 50-53° Long. Oeste), formado com terras desmembradas do Município de Altamira, em seus 33.689 km² de superfície, assim como toda a região do Xingu, sempre possuiu uma população extremamente rarefeita, a qual, em 1970, somava apenas 3.044 habitantes (0,09 hab/km²), achando-se seu maior aglomerado com 383 na sede municipal (antiga Souzel) (Recenseamento Geral do Brasil, 1971: 36 e 47). Sua economia de cunho extrativista e predatório realizada através da borracha, castanha-do-pará e caça de animais silvestres, complementada



Localização dos índios Asurini, Araweté e Xikrin